Recebido: 1 de abril de 2026 | Aceito: 14 de junho de 2026

CONQUISTADORES, COLONIZADORES E ESCRAVIZADORES: AS VÁRIAS RAÍZES DA LACÔNIA ESPARTANA

Gabriel Cabral Bernardo[1]

Resumo

A história antiga de Esparta passou por um desenvolvimento significativo nas últimas décadas, principalmente pela contextualização de elementos tardios atribuídos a seu passado arcaico. Contudo, a mesma abordagem não foi amplamente aplicada à história de outras partes da Lacônia, dada sua posição comum como apêndice da história espartana. O objetivo deste artigo é, assim, examinar as tradições sobre como diversas comunidades periecas da Lacônia tiveram suas histórias entrelaçadas à de Esparta, bem como identificar as possíveis camadas históricas que as compuseram. Nesse sentido, será realizada uma leitura diacrônica das narrativas clássicas, helenísticas e romanas sobre como dórios, espartanos, aqueus, argivos, arcádios, jônios e atenienses conquistaram, colonizaram e escravizaram comunidades lacônias em passados remotos. Argumenta-se que tais narrativas parecem ser, na verdade, produtos de uma constante renegociação dos vínculos periecos com tradições arcaicas (não apenas espartanas). Podemos, assim, escrever histórias locais *periecas*, considerando o quanto essas renegociações influenciaram a memória arcaica de Esparta e da Lacônica.

Palavras-chave

Lacônia; periecos; Esparta; tradição; Heráclidas; ethnos.

[1] Professor Doutor – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. E-mail: gabriel.c.bernardo@ufsc.br.
***Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.10, n.2, 2025.2. p. 139-161.**
DOI: 10.34024/herodoto.2025.v10.22720

Abstract

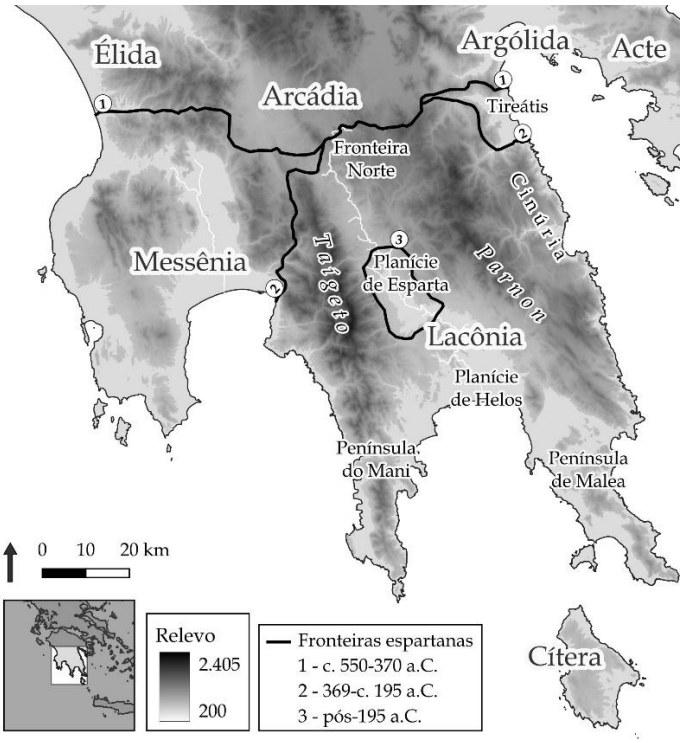
In recent decades, the study of ancient Spartan history has advanced considerably, particularly through the contextualization of later elements attributed to its archaic past. However, this approach has not been widely applied to the histories of other parts of Laconia, which have often been treated as mere appendages to Spartan history. The aim of this article, therefore, is to examine the traditions concerning how various communities of the *perioikoi* in Laconia were historically intertwined with Sparta, and to identify the possible historical layers that constitute them. To this end, a diachronic reading is undertaken of Classical, Hellenistic, and Roman narratives describing how Dorians, Spartans, Achaeans, Argives, Arcadians, Ionians, and Athenians conquered, colonized, and enslaved Laconian communities in antiquity. It is argued that such narratives actually reflect a constant renegotiation of perioikic ties with archaic traditions (not only Spartan ones). This makes it possible to write local histories of the *perioikoi*, taking into account the extent to which these renegotiations influenced the archaic memory of both Sparta and Laconia.

Keywords

Laconia; perioikoi; Sparta; tradition; Heraclids; ethnos

Introdução

Não é exagero afirmar que um dos pilares da historiografia sobre a Esparta do Período Clássico é a crítica das informações (frequentemente anacrônicas) providas por fontes tardias (e.g. Hodkinson, 2000, p. 19–60). No entanto, esse trabalho crítico esteve até recentemente, voltado quase exclusivamente a Esparta, enquanto a *Lakoniké*,[2] a região mais ampla sob a influência direta dos espartanos, permaneceu relativamente intocada. Estudos mais recentes das últimas décadas abriram novos caminhos, considerando tanto o material arqueológico de sítios específicos quanto as tradições literárias antigas (e.g. Müller, 2023; Pavlides, 2025). Há um tema em particular, contudo, que parece ainda relativamente inexplorado: os passados imemoriais atribuídos às várias comunidades não-espartanas que habitavam a *Lakoniké*.



Mapa 1 – Regiões do sul do Peloponeso e da Lacônia. Fonte: preparado pelo autor.

Antes de qualquer coisa, é necessário reconhecer que as próprios fontes antigas dizem pouco a respeito da história das várias comunidades da

[2] *Lakoniké* é o termo utilizado pelas fontes antigas para se referir a todo o território sob a influência política direta de Esparta. A *Lakoniké* é composta, portanto, por toda a metade sul do Peloponeso, essa formada pelas regiões da Messênia e da Lacônia (a oeste e a leste da cordilheira do Taígeto, respectivamente) (ver fig. 1). Ou seja, destaco aqui a necessidade de o leitor manter em mente a diferença de significados entre "*Lakoniké*" (toda a região sob a influência espartana) e "Lacônia" (seção sudeste do Peloponeso, a leste da cordilheira do Taígeto).

Lacônia e da Messênia, especialmente de seu passado anterior ao Período Clássico. Mesmo a história arcaica de comunidades maiores, como a própria Esparta, foi escrita posteriormente e, também por isso, deve ser abordada com cuidado (cf. Starr, 1965; ver Clements, 2022). A Arqueologia, é verdade, contribui para mitigar um pouco de tal quadro: diversos santuários da *perioikis*,[3] por exemplo, produziram coleções significativas de artefatos que, em vários sentidos, permitem questionar até que ponto as estruturas consolidadas no Período Clássico já estavam presentes ou em formação antes do século V.[4] O estudo de Florentia Fragkopoulou (2010) é uma instância de tais possibilidades, analisando o que a cultura material dos santuários lacônios tem a dizer sobre a formação de identidades coletivas entre 1200 e 600. A autora argumenta que as narrativas tradicionais, que combinam detalhes heterogêneos de fontes não-lacônias tardias e a despeito das fontes materiais, acabaram produzindo argumentos problemáticos. Um deles, inclusive, se refere justamente aos hilotas[5] e aos periecos: a relativa coerência da cultura material entre santuários da Lacônia e de Esparta teria embasado a ideia de um domínio espartano tão intenso que não deixava espaço para a manifestação de diferenças. O processo de formação da divisão entre periecos e hilotas, contudo, provavelmente levou um tempo maior para ser desenvolvido e, ao final, pode simplesmente ter condicionado um contexto relativamente coeso, no qual diferenciações étnicas (ao menos no que tange à cultura material) não eram uma agenda importante.[6]

A escassez de referências literárias aos demais habitantes da *Lakoniké* se torna menos destacada a partir do Período Clássico, quando aparecem relatos pontuais sobre comunidades específicas da Lacônia e da Messênia, ainda que dispersos entre vários autores, de Heródoto a Pausânias, no Período Romano. Tais relatos, em sua maioria narrativas sobre passados remotos, alimentaram debates sobre as origens das comunidades periecas e hilotas, tomando

[3] *Perioikís* é o termo pelo qual se referia ao território ocupado, dentro da *Lakoniké*, pelos "periecos", habitantes livres de cidades e vilas em grande medida autônomas, mas politicamente dependentes de Esparta. Sobre a natureza da relação entre periecos e espartanos, ver Bernardo, 2022.

[4] Todos os anos e séculos aqui referidos são a.C., a menos que indicado.

[5] Os hilotas era como se chamava o coletivo dos escravizados possuídos privadamente pelos espartanos, responsáveis por, dentre vários outros trabalhos, cultivar as propriedades espartanas na Lacônia e na Messênia. Para uma definição mais precisa do sistema de escravização hilota, ver Lewis, 2018: 125–146.

[6] Fragkopoulou, 2010: 232–235; ver também Clements, 2021 para o processo de territorialização da *Lakoniké* por Esparta e Delahaye, 2022 sobre a coerência da cultura material lacônia.

frequentemente tais narrativas (muitas vezes mitológicas) como contêineres de núcleos de verdade, capazes de nos oferecer um vislumbre da história arcaica da *Lakoniké* (e.g. Koiv, 2003: 69–140). O presente artigo não se deterá sobre esse tipo de esforço, de prover uma resposta sólida à questão da origem das comunidades periecas em geral ou da escravização e distribuição espacial dos hilotas.[7] Por um lado, é justo reconhecer, como Irad Malkin (1994: 3–6) já argumentou, que seria equivocado supor que as narrativas sobre o passado remoto, por vezes mitológico de comunidades históricas estão fora da história, que não possuem qualquer atitude histórica. Por outro lado, tais narrativas (como eu argumentaria) são melhor compreendidos no contexto em que foram narradas, nos quais simultaneamente refletem e/ou propõem narrativas sobre a comunidade sobre as quais versam (cf. Dowden, 1992: 41–66). Nesse sentido, o presente artigo não buscará nas narrativas aqui consideradas um passado preservado como um fóssil em âmbar. O objetivo principal será o de contextualizar historicamente tais tradições da melhor forma possível, identificando os possíveis eventos e conjunturas possivelmente as influenciaram ou que foram por elas influenciados a partir do século V a.C. – quando se sabe, com alguma certeza, que a hegemonia espartana na *Lakoniké* já estava consolidada.

Como as narrativas mitológicas de interesse estão presentes principalmente em fontes literárias, não tratarei das evidências materiais de cada assentamento perieco da *Lakoniké*. Além disso, considerando as limitações de espaço, me ocuparei apenas das comunidades periecas da Lacônia mencionadas pelas fontes antigas, essas mais relevantes para a proposta aqui delineada por terem permanecido dependentes de Esparta por mais tempo.[8] Um catálogo extensivo dos assentamentos lacônios mencionados nas fontes antigas foi elaborado por Graham Shipley (2004), de modo que o presente estudo se baseará principalmente sobre ele. A análise, obviamente, tem as

[7] Sobre as origens políticas e étnicas dos periecos, Cartldge (2002: 84–85) enuncia aquela que é, do meu ponto de vista, a proposta (que ainda é, em grande medida, especulativa) mais plausível, dadas as fontes disponíveis: as comunidades periecas mantiveram relações diferentes com Esparta e foram, assim, submetidas por caminhos variados, mas compunham um único status ao final do Período Arcaico (cf. Shipley, 1992: 214). Para uma análise cruzada das tradições a respeito das origens do status dos hilotas e dos dados arqueológicos da região de Helos, na Lacônia, ver Bernardo, 2025: 348–357.

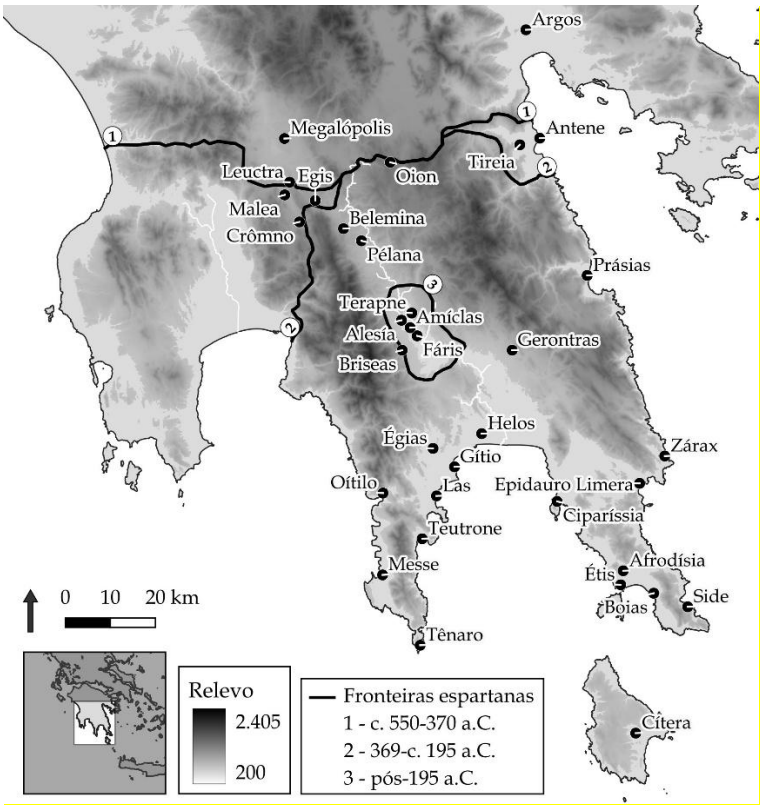
[8] A região da Messênia foi majoritariamente libertada do jugo espartano, assim como seus habitantes, em 369, quando um exército liderado pelo tebano Epaminondas invade a região e (re)funda Messene (ver Kralli, 2017: 24–26). Quanto à Lacônia, a maior parte dela é colocada sob a proteção da Liga Aqueia em 195, encerrando, assim, sua relação de dependência política com Esparta (ver Shipley, 2000).

tradições espartanas como pano de fundo, dado que seria surpreendente que elas não tenham tido influência em ao menos algumas das narrativas ligadas a outras comunidades lacônias. Nesse sentido, consideraremos, em primeiro lugar, narrativas mitológicas gerais sobre o impacto do Retorno dos Heráclidas na *Lakoniké*, uma vez que tratam do mito fundador que justificava a dominância espartana sobre o restante da região. Sobre esse pano de fundo, será possível compreender melhor o que acredito terem sido as três fases de construção das narrativas míticas sobre as histórias das comunidades periecas da Lacônia, essas elaboradas entre os séculos século VI a.C. e II d.C.

O Retorno dos Heráclidas e a Conquista da Lacônia

Começando pelo início da história da Lacônia espartana, sabemos que já no tempo de Tirteu (fr. 2 West), na segunda metade do século VII, estava estabelecida a narrativa do Retorno dos Heráclidas e de sua instalação em Esparta (na *cidade* especificamente, já que ele diz πόλιν) – ocasião em que ela é também assentada com os dórios que os acompanhavam. Dois séculos depois, em uma das *Ístmicas* (7.12-15) de Píndaro aparecem duas adições a essa narrativa: a conquista cidade de Amíclas com a ajuda dos Egidas – esses últimos sendo os membros de uma família de origem *tebana*, mas ligados às linhagens reais heráclidas de Esparta (Hdt. 4.147.1-3, 149; cf. Pind. *Pyth*. 5.74-76). No mesmo século V, Heródoto (1.82) atribui a conquista de toda a parte oriental da Lacônia – da Tireátis, na fronteira com a Argólida, até a ilha de Cítera, incluindo toda a Península de Malea – à chamada Batalha dos Campeões, datada por ele de meados do século VI. Temos, portanto, a construção de uma narrativa de conquista gradual da Lacônia pelos espartanos: primeiro da planície espartana, com o assentamento de dórios e tebanos em Esparta e com a conquista de Amíclas, e posteriormente de toda a costa oriental da Lacônia e da ilha Cítera. Essa mesma tradição parece ser ecoada por Isócrates (6.24), no século IV, que menciona *en passant* a retomada da Lacedemônia[9] pelos espartanos/dórios ao derrotarem aqueles que a detinham anteriormente.

[9] "Lacedemônia" corresponde, na maioria das vezes, a Esparta ainda que também os periecos fossem chamados de "lacedemônios" (ver Ducat, 2018: 608–612).



Mapa 2 – Comunidades lacônias e demais cidades mencionadas no texto Fonte: preparado pelo autor.

Novas adições à aparecem em fragmentos atribuídos a Teopompo de Quios (*FGrH* 115 F 13, 122) e Helânico de Lesbos (*FGrH* 4 F 188), que narram, mais especificamente, o processo de conquista e escravização dos hilotas – esse posteriormente repetido por Pausânias (3.20.6). Segundo essa narrativa, os hilotas eram originalmente habitantes livres e nativos da região de Helos na Lacônia (etnicamente aqueus, segundo Teopompo), mas que foram escravizados após a conquista da região pelos espartanos. Muito depois, no século I d.C., Plutarco (*Lyc.* 2.1) parece desenvolver ainda mais essa tradição ao atribuir a Soo, rei de uma das duas casas reais que reinou sobre a Lacônia após o Retorno dos Heráclidas, tanto a escravização dos hilotas quanto a conquista de terras dos arcádios — supostamente ao norte de Esparta. Tudo indica que esta é a tradição que Pausânias (3.12.9), no século II d.C., organiza de acordo com suas genealogias das casas reais espartanas. Contudo, nesse processo de (re)organização, Pausânias coloca os conflitos pelos territórios na fronteira com a Argólida – a Cinúria (3.2.2-3, 3.7.2) e a Tireátis (3.7.5) – em um passado mais remoto que aquele de Heródoto. Acredito que isso seja devido principalmente à popularização da ideia de que Esparta e Argos mantinham

uma rivalidade desde tempos imemoriais, de modo que não seria suficiente para sua narrativa uma única batalha mais recente, como a narrada por Heródoto (ver Kelly, 1970; Bernardo, 2025: 121–129, 148–149). Pausânias (3.2.5-7) também atribui a conquista de Egis, situada na região fronteiriça ao norte de Esparta, aos reis Arquelau e Carilau, e não a Soo, como Plutarco parece ter feito. Vale notar que, até o momento, não há nenhuma menção a qualquer ponto ao sul de Helos, especialmente à península do Mani, a seção sudoeste da Lacônia.

Retornando ao século IV, uma narrativa diferente da conquista gradual apresentada anteriormente é enunciada por Éforo de Cime (*FGrH* 70 F 117). Segundo o historiador, depois da chegada dos Heráclidas à Lacônia, Eurístenes e Prócles, os primeiros reis das duas casas reais espartanas, já começam suas dinastias reinando sobre toda a região entre Egis e Las, duas das seis cidades por eles fundadas – que incluíam também Amíclas, Fáris, Helos e Esparta. Os habitantes aqueus nativos são expulsos do território (cf. Strab. 8.5.5), sendo um detalhe interessante que, segundo Éforo, a região é reassentada com qualquer um "dos estrangeiros que quisessem" habita-la.

É possível argumentar, portanto, que existiam ao menos duas tradições sobre a submissão da Lacônia pelos Heráclidas ou pelos espartanos. A primeira, aparentemente construída do século VII a.C. ao século II d.C., narra uma conquista gradual de quase toda a Lacônia (Egis, a planície espartana, Helos, Cinúria e Tireátis). Nessa narrativa, o único grupo não dório que participa das conquistas e, portanto, da reocupação do território são os Egidas, que tinham ancestralidade tebana. A segunda tradição, aparentemente do século IV a.C., defende uma conquista imediata da maior parte da Lacônia central (de Egis a Las), essa ocupada não apenas por dórios, mas também por quaisquer estrangeiros que desejassem se estabelecer ali. Isso não significa que, antes do século IV, populações lacônias que não se viam como dórias não fossem assim reconhecidas. Heródoto (8.73.2), por exemplo, escrevendo no século V, nota que os cinúrios reivindicavam uma origem jônica, e sabemos que os espartanos assentaram eginetas Tireátis ao final do século V, depois desses terem sido expulsos de Egina pelos atenienses no início da Guerra do Peloponeso (Thuc. 2.27.2, 4.56.2). Contudo, mesmo com a ciência dessas populações, a narrativa da conquista gradual da Lacônia central parece admitir uma ocupação não-dória da Lacônia apenas em uma fase mais tardia, enquanto que na narrativa de Éforo, de uma conquista imediata, afirma a presença de outras etnias desde o início do assentamento heráclida/dório. É

sobre esse pano de fundo que devemos analisar as narrativas associadas a comunidades lacônias específicas.

As tradições de fundação das comunidades periecas lacônias

Das 57 comunidades lacônias conhecidas (sem contar Esparta), 32 delas (indicadas no Mapa 2) possuem ao menos uma tradição associada à sua fundação. Algumas tiveram mais de uma tradição atribuídas a elas, de modo que, ao todo, foram computadas 43 histórias sobre o passado remoto de comunidades diferente, cujos protagonistas variam consideravelmente (ver Tabela 1). Personagens anteriores à tomada heráclida da Lacônia ("pré-Heráclidas") lideram, relacionados à história arcaica de doze comunidades. Em seguida, temos os Heráclidas da narrativa do Retorno, associados a seis, talvez sete comunidades – há uma tradição específica sobre Boio, fundador de Boias, na península de Malea, que seria descendente de Héracles, mas que não parece ter sido vinculado à narrativa específica do Retorno. Argivos aparecem associados a cinco comunidades, arcádios a quatro. Dardânios, basicamente os que acompanhavam Eneias em sua fuga de Troia, são conectados a três comunidades, enquanto líbios (relacionados a Dânao) aparecem nas tradições de duas comunidades, assim como eginetas e lacedemônios. Aqueus, atenienses, dórios, epidaurios, jônios e divindades foram, cada um, responsáveis pela ocupação de ao menos uma comunidade na Lacônia antiga.

Há muitas formas de abordar esses dados. Poder-se-ia buscar prováveis motivadores para uma dada tradição em um contexto histórico específico e, a partir daí, datá-la desse contexto. Por outro lado, poderíamos conceber as tradições ou como histórias muito antigas, preservadas por séculos, ou como inovações com significados limitados ao período em que foram reproduzidas. Nenhuma dessas abordagens, sozinha, produziria resultados confiáveis, dado que todas elas simplificam o significado de tais histórias – seja atribuindo-as a um único contexto histórico ou presumindo uma continuidade absoluta de um mesmo significado. O mais seguro, a meu ver, é um estudo diacrônico dessas narrativas, dando maior ênfase no contexto em que uma dada tradição foi recontada, mas sem considerá-la automaticamente como reprodução fiel de um passado muito remoto ou como reflexo exclusivo do presente. Isso, acredito, permite uma melhor compreensão das mudanças e mesmo de tradições contraditórias, bem como a visualização de camadas que poderiam ser paralelas ou sobrepostas. Nesse sentido, faz sentido partir das tradições mais antigas atestadas em direção às mais recentes.

A tradição mais antiga preservada é aquela ligada a Oítilo, na costa ocidental da península de Mani. De acordo com um escólio ao *Catálogo dos navios* de Homero, Ferecides (*FGrH* 3 F 39, 168), autor do século VI, afirma que Oítilo recebeu seu nome de um filho de Anfianax. Não está claro se este é o mesmo Anfianax que por vezes também é chamado de Iobates, o rei lício ligado ao mito de Belerofonte (Ps.-Apoll. 2.2.1). De qualquer forma, Pausânias (3.25.10) afirma (muito) posteriormente que esse Anfianax era filho de Antímaco de Argos. Acredito ser possível que ele esteja se referindo à mesma tradição, caso no qual a tradição mais antiga da Lacônia atribui a fundação de Oítilo a um herói argivo.

As narrativas do século V não mencionam heróis epônimos, apenas conquistas e colônias. Como já foi dito, Píndaro (*Isth.* 7.12-15) coloca Amíclas como uma conquista dos Heráclidas, povoada por dórios e pelos Egidas tebanos. Helânico de Lesbos (*FGrH* 4 F 188), ao discutir as origens dos hilotas espartanos, os descreve como habitantes da cidade de Helos submetidos pelos espartanos, mas não diz como nem por quem a cidade a cidade foi ocupada inicialmente. Por fim, Heródoto atribui à Batalha dos Campeões a conquista de toda a costa oriental da Lacônia (1.82) – que, em seu tempo, incluía os jônios estabelecidos na Cinúria, dorianizados durante o domínio argivo (8.73.2). Quanto às colônias, temos os eginetas instalados em Tireia em 431 (Thuc. 2.27.2, 4.56.2-57.3) e a afirmação de Tucídides (7.57.6) de que Cítera, na ilha de mesmo nome, foi colonizada pelos lacedemônios. Esse quadro inicial é, possivelmente, um produto tardio da consolidação, no Período Arcaico, da narrativa de Esparta sobre seu próprio passado, que legitimava sua hegemonia política sobre a Lacônia. É possível perceber claramente uma expansão gradual (e agressiva) da cidade, de Amíclas ao Cabo Malea, ao lado de uma colonização (menos agressiva) de uma ilha vizinha e do assentamento de aliados exilados em seu próprio território.

As tradições da fase seguinte, muito breve, têm a mesma base: conquista e colonização, mas aquilo que agora pode ser chamado de "colonização" é, na verdade, um "segundo passo" das conquistas, e não mais um processo paralelo a elas. A principal fonte para isso é o já mencionado Éforo (*FGrH* 70 F 117): segundo o autor, os Heráclidas tomam posse automaticamente de toda a terra entre as cidades de Egis e Las quanto conquistam Esparta. Dada a escassa população da região (uma vez que os Heráclidas expulsaram todos os seus habitantes anteriores), os reis Eurístenes e Prócles são obrigados a recorrer a estrangeiros para povoá-la – a *qualquer* estrangeiro, não apenas os dórios que haviam chegado com eles. Egis, Amíclas, Fáris, Helos e Las são

inteiramente repovoadas e seus habitantes têm o mesmo estatuto que os espartanos. No entanto, como foi dito anteriormente, a tradição de Éforo também aborda a origem dos hilotas: estes não eram nativos escravizados, mas do mesmo grupo de colonizadores que repovoaram a Lacônia sob o governo dos Heráclidas. O que deu aos hilotas uma trajetória diferente das outras cidades foi sua decisão de se recursar a pagar tributos a Esparta e render sua isonomia, conforme proposto pelo rei Ágis – e aceito pelas demais cidades, que a partir de então assumiriam o estatuto de periecas. É interessante, nesse ponto, dissecar o relato de Éforo.

Em primeiro lugar, as cidades mencionadas no relato de Éforo provavelmente não foram escolhidas ao acaso: todas são cidades mencionadas no *Catálogo dos Navios* de Homero (*Il*. 2.581-602). Sendo assim, para situar sua narrativa no passado, Éforo provavelmente utilizou Homero como fonte sobre as cidades que existiam quando os dórios chegaram à Lacônia pela primeira vez. Isso explica, por exemplo, por que Fáris, nunca mais mencionada pelas fontes (e possivelmente inexistente), faz parte da narrativa, ou por que Las é descrita como o principal porto de Esparta, já que estava bem estabelecido que esse papel cabia a Gítio (cf. Bernardo, 2025: 486–487). Em segundo lugar, a narrativa de Éforo apresenta uma imagem muito negativa dos reis espartanos. Eles são retratados como tirânicos, instalando reis (sobre os quais nada mais é dito em qualquer fonte antiga) em outras cidades para governar em seu nome, e já na geração seguinte um deles tenta impor impostos a todas as cidades, exceto Esparta. Das seis cidades, apenas Helos teria se rebelado, enquanto as demais cidades aparentemente aceitaram o novo *status quo*. Em outras palavras, os periecos são pintados como um tipo de hilotas, ainda que em uma situação melhor do que os verdadeiros hilotas de Helos. Essa tradição caminha lado a lado com o *Panatenaico* (177-181) de Isócrates, também do século IV, que narra uma história unitária como a de Éforo, unindo espartanos e periecos em um coletivo isonômico único antes de os primeiros escravizarem os últimos. Acredito que essa narrativa compartilhada por e limitada a Éforo e Isócrates, poderia ser produto das condições do próprio século IV, no contexto das disputas entre espartanos, beócios e atenienses sobre a jurisdição de cada pólis sobre seus subordinados (Xen. *Hell*. 5.1.32-36, 6.3). Ao menos o relato de Isócrates deve ser lido com alguma suspeita, uma vez que os periecos correspondem, no discurso, ao *demos* (dórico) de Esparta que foi politicamente rebaixado por uma aristocracia que, no processo, tomou as melhores terras disponíveis. Considerando que o objetivo do *Panatenaico* era justamento a contraposição entre Esparta e Atenas de modo a destacar a superioridade da última, é muito provável que Isócrates não estivesse se

referindo a uma tradição histórica (cf. Mossé, 1977) ou, mais interessante para os objetivos presentes, corrente na *Lakoniké*. Isócrates provavelmente criou tal narrativas de modo a contrastar Esparta e Atenas (cf. Delahaye, 2022, p. 125), mais especificamente em relação às suas atitudes políticas em relação aos seus respectivos *demoi* – uma vez que os atenienses teriam integrado seu *demos* ao governo, ao invés de rebaixá-lo, como haviam feito os espartanos. Acredito que a versão de Éforo seria uma crítica no mesmo sentido, de denunciar o tratamento degradante dos espartanos em relação àqueles que eram, inicialmente, seus iguais – mas é impossível dar certeza disso com base apenas em um fragmento citado indiretamente por outro autor.

Em terceiro lugar e retornando a Éforo, o mesmo contexto pode ter gerado a necessidade de diferenciar os messênios, recentemente libertados do domínio espartano, dos hilotas. Os messênios não eram o mesmo povo que os hilotas, de modo que podiam manter sua narrativa de retorno do exílio (ver Bernardo, 2023) – contrariando o argumento espartano de que eram meramente seus escravos, como os hilotas lacônios (Isoc. 6.28, 88). Por fim, é interessante que Éforo justifique a ocupação de Egis por razões de segurança: ela ficava na fronteira entre Esparta e seus inimigos. Poder-se-ia pensar primeiramente nos messênios, mas não há tradição que mencione qualquer tipo de rivalidade entre os Heráclidas espartanos e messênios logo no início de seu assentamento. Esses "inimigos", acredito, são inimigos do século IV – e talvez nem mesmo messênios, mas os arcádios, agora entrincheirados em Megalópolis (ver Hornblower, 1990). Isso também se sustenta no fato de que, segundo uma tradição relatada por Pausânias (8.27.3-4), cinco outras cidades na fronteira norte de Esparta aderiram a Megalópolis por serem originalmente arcádias.[10]

O que temos nessa segunda fase, do século IV, é uma reinterpretação anti-espartana do modelo anterior de conquista e colonização. Os Heráclidas e os espartanos submeteram tiranicamente não apenas o mesmo povo que os ajudou a ocupar a Lacônia, mas também mantiveram sob seu domínio arcádios que a isso se opuseram. Tal quadro parece refletir o contexto do século IV, quando messênios e arcádios ameaçavam as fronteiras da lacônia espartana. É sempre possível que algumas dessas tradições já existissem e, no novo contexto hegemônico, tenham vindo à tona e informado as ações e os

[10] Algo semelhante pode ter ocorrido nas cidades trifílias, que tinham conexões com Trifilo, ora neto de Amíclas (Paus. 10.9.5), ora filho de Arcas, o herói epônimo arcádio (Plb. 4.77). Ver também Malkin, 1994, p. 86–87 sobre os trifílios tornando-se arcádios no século IV.

discursos de arcádios, beócios e messênios sobre os motivos para desertar e/ou se opor a Esparta.

Na terceira fase, caracterizada principalmente pela obra de Pausânias, podem ser notadas mudanças significativas. Após o século IV, conquista e colonização deixam de ser os elementos centrais da narrativa. Gerontras é, pela primeira vez, acrescentada à narrativa da conquista gradual heráclida e da expulsão da população nativa – que ainda inclui Fáris e Amíclas (Paus. 3.2.6, 22.6-7). O fato de Las não estar mais vinculada a essa tradição, como o estava em Éforo, pode não ser coincidência. Quando Pausânias (3.24.10) descreve Las, a única tradição que relata sobre seu passado é a conexão entre seu herói epônimo, Las, e o herói homérico que o matou a caminho de pedir a mão de Helena em casamento (Aquiles ou Pátroclo). A cidade antiga ainda possuía, no tempo de Pausânias, uma estátua de Héracles e um culto ao caracteristicamente dório Apolo Carneio (3.24.6 e 8 respectivamente). Ainda assim, a tradição preservada era a do herói epônimo pré-heráclida e sua ligação com heróis homéricos. Isso poderia ser simplesmente produto do interesse de Pausânias pelo passado homérico da Grécia, algo talvez implícito em sua tentativa de localizar as cidades homéricas de Briseas, Augeas e Messe (Hom. *Il*. 2.582-583) em cidades históricas (Paus. 3.20.3, 21.5, 25.9). No entanto, a maioria das outras tradições que ele preserva conecta as aldeias a fundadores pré-homéricos — locais, estrangeiros e até deuses.

Side recebeu o nome de uma das filhas do líbio Dânao (Paus. 3.22.11), A Cinúria e Helos de filhos argivos de Perseu (Paus. 3.2.2, 20.6, respectivamente), Tireia de um filho do arcádio Licáon (Paus. 8.3.3), e Teutrone de um fundador epônimo ateniense (Paus. 3.25.4). Além dessas, Pausânias (3.22.9) também afirma que Ciparíssia, cidade mencionada por Estrabão (8.5.2) mas em ruínas à sua época, havia sido ocupada por aqueus. É possível que isso se deva a uma identidade autóctone, que defendia o não deslocamento por argivos ou lacedemônios após a chegada dos Heráclidas. Mais uma vez, essas tradições poderiam datar de muito antes do século II d.C., mas é significativo que, quando Pausânias as coletou, nenhum esforço aparente foi feito para associá-las ao passado heráclida espartano. Quando existe a conexão, seu ponto de ligação é geralmente com as dinastias pré-heráclidas da Lacônia. Terapne, Alesia, Pélana e Gítio, todos lugares centrais na planície espartana, estão todos associados a histórias sobre Milas e Terapne, filhos do rei autóctone Lélex, Tíndaro, Menelau, Helena e Orestes (Paus. 3.19.9, 20.2, 21.2, 22.1, respectivamente). Nesse contexto, o caso de Boias é particularmente interessante. Pausânias (3.22.11) apresenta duas histórias

de fundação para a cidade. Em uma delas, foi fundada por um Heráclida chamado Boios. Na outra, foi produto do sinecismo de três cidades: Étis, Afrodísia e Side. Ele afirma que o povo das três cidades foi guiado a Boias por um oráculo de Ártemis, mas somente após ter sido expulso de sua terra natal. Não se diz nem quem os expulsou nem quando isso aconteceu, mas parece tratar-se de um evento de um passado muito remoto. O que chama a atenção é a história de fundação de duas das cidades que integraram o sinecismo, Étis e Afrodísia foram, segundo a mesma passagem de Pausânias, fundadas pelo dardânio Eneias durante sua fuga de Troia. Não vejo razão para não {Citation}interpretar esses mitos como tentativas de conectar histórias locais às de Roma, a principal potência mediterrânea da época em que Boias foi sinecizada. Se isso ocorreu no período helenístico tardio, quando a cidade começa a produzir grande quantidade de material arqueológico (ver Bernardo, 2025: 266), então seu crescimento pode ter sido influenciado, ao menos em parte, da intervenção de Roma na região, epitomizada na organização da Liga dos Lacônios Livres por Augusto. De qualquer forma, estudos como os de Susan Alcock (1993) e Anthony Spawforth (2012) trazem muitas outras instâncias parecidas, de como a influência romana gerou mudanças significativas na paisagem cultural grega. Sendo assim, é possível que esse tenha sido o caso de Boias – que, considerando uma glosa de Estêvão de Bizâncio (*s.v.* Βοιόν), pode ter mantido sua identidade como uma cidade heráclida e dória, mas agora com a participação dos dardânios de Eneias e os líbios de Dânao.

Em resumo, as tradições dos dois primeiros séculos d.C. abrem certo espaço entre as cidades lacônias e o passado heráclida espartano, concentrando-se mais em seus fundadores pré-heráclidas e em conexões com heróis homéricos. É interessante porque mesmo em lugares com evidências de tradições dórias, como Las, Gítio e possivelmente Boias, o passado preservado é principalmente pré-dórico. É claro que sabemos que muitas cidades lacônias não simplesmente cortaram seus laços com Esparta. A epigrafia evidencia vínculos privados e públicos com os espartanos, bem como tradições semelhantes.[11] No entanto, seria surpreendente que os eventos dos períodos helenístico e romano inicial não tivessem influenciado as tradições dessas cidades sobre si mesmas. Las passou de um porto heráclida por excelência à cidade fundada por Las e tomada pelos *Dióscuros*, e não pelos Heráclidas.

[11] Sobre os laços entre famílias espartanas e outras cidades da Lacônia, ver Spawforth, 1978 com *IG* V.1 971, 1172; *SEG* 23.310. Sobre tradições ancoradas no passado espartano, ver Poulsen, 1991.

Boias aparentemente passou de cidade heráclida (provavelmente não de um dos Heráclidas do Retorno) a uma cidade formada por seguidores de Eneias e Dânao. Algumas tradições relatadas por Pausânias podem ser muito antigas, mas seria equivocado ignorar a possibilidade de que ao menos algumas delas sejam recentes (talvez datando do século I a.C. ou d.C.), ou ao menos que tenham recentemente adquirido nova relevância, destacando a história de cidades independentes, não mais sob o domínio espartano. Elas poderiam tanto refletir quanto informar a nova posição política das cidades lacônias.

Conclusões

Foram três as fases visíveis durante a exposição sobre as tradições a respeito da história arcaica das comunidades lacônias. A primeira fase, do final do século VI e do século V, concentra suas narrativas na conquista gradual da Lacônia pelos Heráclidas e na (re)ocupação do território com dórios e outros povos. Grandes extensões de terra ficaram sem tradições específicas, como as penínsulas de Malea e do Mani, onde encontramos múltiplas associações. Temos ali heróis epônimos locais com graus variados de conexão com Esparta. Em Oítilo há um fundador argivo, no Tênaro um herói epônimo descendente da casa dos Tindáridas, e possivelmente em Boias um Heráclida – se essa última tradição for realmente antiga. Temos colônias de lacedemônios em Cítera, e de aliados espartanos – epidaurios e eginetas – em Epidauro Limera e Antene. Nesse sentido, parece que a narrativa de conquista e (re)ocupação heráclida estava, ao menos inicialmente, vinculada especificamente à Lacônia central e à Messênia. Outras regiões sob influência espartana possuíam suas narrativas específicas (conquista com reocupação, conquista sem reocupação, colonização, etc.), abrindo espaço talvez para identidades distintas da pan-lacedemônia, patrocinada ativamente pelo domínio regional espartano.

A segunda fase, que parece começar e terminar no século IV a.C., ainda se concentra na conquista e (re)ocupação da Lacônia central, mas agora a narrativa é moldada de forma a pintar uma imagem negativa de Esparta e de seu domínio sobre os periecos e hilotas. Não surpreende que seja justamente quando a hegemonia espartana é contestada. Agora, Éforo e Isócrates retratam uma submissão gradual por parte de Esparta de populações gregas anteriormente livres e, de modo ainda mais brutal, do mesmo tronco que os próprios espartanos. Ao mesmo tempo, cidades na fronteira norte da Lacônia,

ao se depararem com a oportunidade de mudar de lado, passam a destacar uma origem arcádia em vez de uma associação bicentenária aos lacedemônios. Além dos eventos políticos, é também possível que essas narrativas representem uma mudança nas fontes dessas tradições. Se na primeira fase as narrativas se concentram quase exclusivamente na história espartana, na segunda elas são recontadas sob pontos de vista arcádios e talvez atenienses.

A mesma mudança pode ser atribuída à terceira fase, que preserva a narrativa da conquista gradual e da reocupação, mas conferindo agora maior espaço ao que parecem ser tradições locais. De repente, surge uma proliferação de heróis epônimos locais de múltiplas origens, com graus variados de conexão com tradições espartanas, lacônias e mediterrâneas em geral. Essas tradições poderiam ser anteriores ao período romano; a principal diferença agora é que apresentam sua própria versão de sua história, e não os espartanos ou os atenienses. Isso pode ser observado, por exemplo, na reprodução e explicação, por Pausânias, do mito de fundação de Oítilo pelo filho do argivo Anfianax, tradição já citada na obra de Ferecides. No entanto, há elementos que apontam inequivocamente para tradições mais recentes, como aquelas relacionadas ao sinecismo de Boias. Duas de suas três cidades são ditas fundadas por Eneias, enquanto a terceira recebe o nome de uma das filhas de Dânao — algo muito conveniente, dado que Pausânias (3.22.13) menciona templos de Serápis e Ísis em Boias, provavelmente estabelecidos durante o Período Helenístico, quando tais cultos começam a se espalhar pelo Egeu (ver Mazurek, 2016, p. 7–18).

Essa interpretação é apenas uma primeira tentativa de dar sentido às tradições relatadas por muitos autores em contextos muito distintos. Ainda assim, ela demonstra que as antigas comunidades lacônias tinham uma história separada da de Esparta. Estavam conectadas à história espartana, mas suas histórias não eram meros apêndices dela. Os periecos lacônios, por exemplo, poderiam ter, durante a hegemonia espartana, chamado a si mesmos de lacedemônios, ao mesmo tempo em que acreditavam que suas comunidades haviam sido fundadas por e com arcádios, jônios, argivos, aqueus ou até mesmo atenienses. Isso nos permite enxergar a história da hegemonia espartana sobre a Lacônia sob um ângulo ligeiramente diferente, porém mais próximo da maioria de seus antigos habitantes.

Referências

Fontes

APOLLODORUS. *The Library. Volume I: Books 1-3.9*. Tradução: J. G. Frazer. Londres e Nova York: William Heinemann e G. P. Putnam's Sons, 1921.

BILLERBECK, M. *Stephani Byzantii Ethnica. Volumen I: A-Γ*. Berlim e Nova York: Walter de Gruyter, 2006.

HERODOTUS. *Histories. Volume I: Books 1-2*. Tradução: A. D. Godley. Cambridge, MA e Londres: Harvard University Press e William Heinemann, 1920.

HERODOTUS. *Histories. Volume II: Books 3-4*. Tradução: A. D. Godley. Londres e Nova York: William Heinemann e G. P. Putnam's Sons, 1928.

HERODOTUS. *Histories. Volume IV: Books 8-9*. Tradução: A. D. Godley. Cambridge, MA e Londres: Harvard University Press e William Heinemann, 1969.

ISOCRATES. *Volume I: To Demonicus, To Nicocles, Nicocles or the Cyprians, Panegyricus, To Philip, Archidamus*. Tradução: G. Norlin. Londres e Nova York: William Heinemann e G. P. Putnam's Sons, 1928.

JACOBY, F. *Die Fragmente der griechischen Historiker. Teil 1: Genealogie und Mythographie. A: Vorrede, Text, Addenda, Konkordanz (Nr. 1-63)*. Leiden: Brill, 1995.

PAUSÂNIAS. *Descrição da Grécia: Livro III*. Tradução: M. de F. S. Silva. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.

PAUSANIAS. *Description of Greece. Volume IV: Books 8.22-10*. Tradução: W. H. S. Jones. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1935.

PINDAR. *Nemean Odes. Isthmian Odes. Fragments*. Tradução: William H. Race. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1997a.

PINDAR. *Olympian Odes. Pythian Odes*. Tradução: William H. Race. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1997b.

PLUTARCH. *Lives. Volume I: Theseus and Romulus, Lycurgus and Numa, Solon and Publicola*. Tradução: B. Perrin. Cambridge, MA e Londres: Harvard University Press e William Heinemann, 1967.

POLÍBIO. *História Pragmática: Livros I a V*. Tradução: B. B. Sebastiani. São Paulo: Perspectiva, 2016.

STRABO. *Geography. Volume IV: Books 8-9*. Tradução: H. L. Jones. Londres e Cambridge, MA: William Heinemann e Harvard University Press, 1954.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Tradução: R. M. R. Fernandes; M. G. P. Granwehr. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

WEST, M. L. *Iambi et Elegi Graeci Ante Alexandri Cantati. Volumen II: Callinus, Mimnermus, Semonides, Solon, Tyrtaeus, Minora Adespota*. Oxford: Clarendon Press, 1972.

WOODHEAD, A. G. *Supplementum Epigraphicum Graecum: Volume XXIII*. Leiden: A. W. Sijthoff, 1968.

XENOPHON. *Hellenica (Books 6-7), Anabasis*. Tradução: C. L. Brownson. Londres e Nova York: William Heinemann e G. P. Putnam's Sons, 1921.

XENOPHON. *Hellenica. Volume I: Books 1-5*. Tradução: C. L. Brownson. Cambridge, MA e Londres: Harvard University Press e William Heinemann, 1961.

Literatura especializada

ALCOCK, S. E. *Graecia Capta: The Landscapes of Roman Greece*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

BERNARDO, G. C. É possível escrever uma história dos messênios?. *In*: MORAIS, J. M.; BENEDETTI, P.; MONPEAN, R. (orgs.). *Agência, conflitos e subalternidade na Antiguidade: Abordagens multidisciplinares entre História, Literatura e Cultura Material*. São Paulo: FFLCH, 2023. p. 8–31.

BERNARDO, G. C. *Mare Laconum: os periecos da costa da Lacônia entre Esparta e o Mediterrâneo*. 2025. Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

BERNARDO, G. C. Spartan smart power and the perioikoi. *Ancient Society*, Leuven, v. 52, p. 35–67, 2022.

CARTLEDGE, P. *Sparta and Lakonia: A Regional History 1300-362 BC*. 2. ed. Londres: Routledge, 2002.

CLEMENTS, T. *Lakedaimon: Territory, Economy, and Society in the southern Peloponnese, c. 800-371.* 2021. Tese de Doutorado - University of Manchester, Manchester, 2021.

CLEMENTS, T. Unfixed Boundaries: Regions, Evidence, and Models in Archaic Sparta. *In*: RÖNNBERG, M.; SOSSAU, V. (org.). *Regions and Communities in Early Greece (1200-550 BCE).* Rahden/Westf.: Leidorf, 2022. p. 123–140.

DELAHAYE, A. Laconian material culture and Lacedaemonian identity: the Laconian sanctuaries' case (seventh-fifth Century BC). *In*: RÖNNBERG, M.; SOSSAU, V. (orgs.). *Regions and Communities in Early Greece (1200-550 BCE)*. Rahden/Westf.: Leidorf, 2022. p. 123–140.

DOWDEN, K. *The Uses of Greek Mythology*. Londres e Nova York: Routledge, 1992.

DUCAT, J. The Perioikoi. *In*: POWELL, A. (org.). *A Companion to Sparta*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2018. p. 596–614.

FRAGKOPOULOU, F. *Spartan Sanctuaries and Lakonian Identity between 1200 and 600 BC*. 2010. 339 f. Tese de Doutorado - King's College, Londres, 2010.

HODKINSON, S. *Property and Wealth in Classical Sparta*. Swansea: Classical Press of Wales, 2000.

HORNBLOWER, S. When was Megalopolis founded? *The Annual of the British School at Athens*, Londres, v. 85, p. 71–77, 1990.

KELLY, T. The traditional enmity between Sparta and Argos: The birth and development of a myth. *The American Historical Review*, Washington, DC, v. 75, n. 4, p. 971–1003, 1970.

KOIV, M. *Ancient Tradition and Early Greek History: The origins of states in early-archaic Sparta, Argos and Corinth*. Tallinn: Avita Publishers, 2003.

KRALLI, I. *The Hellenistic Peloponnese: Interstate Relations. A Narrative and Analytic History, from the Fourth Century to 146 BC*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2017.

LEWIS, D. M. *Greek Slave Systems in their Eastern Mediterranean Context, c. 800-146 BC*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

MALKIN, I. *Myth and Territory in the Spartan Mediterranean*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

MAZUREK, L. A. *Globalizing the Sculptural Landscapes of the Sarapis and Isis Cults in Hellenistic and Roman Greece*. 2016. Tese de Doutorado - Duke University, Durham, 2016.

MOSSÉ, C. Les périèques lacédémoniens. *Ktema*, Estrasburgo, v. 2, p. 121–125, 1977.

MÜLLER, C. How (not) to be a citizen: subordination and participation of the perioikoi in hellenistic Sparta (and elsewhere). *In*: PIRENNE-DELFORGE, V.;

WĘCOWSKI, M. (orgs.). *Politeia and Koinōnia: Studies in Ancient Greek History in Honour of Josine Blok*. Leiden: Brill, 2023. p. 65–88.

PAVLIDES, N. A. The Sanctuary of Apollo Hyperteleatas in Laconia: A Central Perioikic Cult in the Malea Peninsula. *American Journal of Archaeology*, Auburndale, v. 129, n. 1, p. 59–88, 2025.

POULSEN, B. A relief from Croceae: Dioscuri in Roman Laconia. *In*: FISCHER-HANSEN, T. *et al.* (orgs.). *Recent Danish Research in Classical Archaeology: Tradition and Renewal*. Copenhagen: Museum Tusculanum Press, 1991. p. 235–248.

SHIPLEY, G. Lakedaimon. *In*: HANSEN, M. H.; NIELSEN, T. H. (orgs.). *An Inventory of Archaic and Classical Poleis*. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 569–599.

SHIPLEY, G. Perioikos: The Discovery of Classical Lakonia. *In*: SANDERS, J. M. *Φιλολάκων: Lakonian Studies in Honor of Hector Catling*. Oxford: The British School at Athens, 1992. p. 211–226.

SHIPLEY, G. The Extent of Spartan Territory in the Late Classical and Hellenistic Periods. *The Annual of the British School at Athens*, Londres, v. 95, p. 367–390, 2000.

SPAWFORTH, A. Balbilla, the Euryclids and Memorials for a Greek Magnate. *The Annual of the British School at Athens*, Londres, v. 73, p. 249–260, 1978.

SPAWFORTH, A. *Greece and the Augustan Cultural Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

STARR, C. G. The Credibility of Early Spartan History. *Historia*, Stuttgart, v. 14, n. 3, p. 257–272, 1965.

Tabela 1 – Tradições sobre a história arcaica das comunidades lacônias

Cidade	Associação 1	Fontes 1
Ciparíssia	Aqueus	Strab. 8.5.2, Paus. 3.22.9
Belemina	Arcádios	Liv. 35.34.8 com Paus. 8.27.3-4
Leuctra	Arcádios	Paus. 8.27.3-4
Malea	Arcádios	Paus. 8.27.3-4
Oion	Arcádios	Paus. 8.27.3-4, 8.45.1
Cítera	Argivos	Hdt. 1.82.2
Oítilo	Argivos	Ferecides *FGrH* 3 F 168, Paus. 3.25.10
Tireia	Argivos	Hdt. 1.82.2, Paus. 3.2.2
Prásias	Argivos (Cinuro, filho de Perseu)	Paus. 3.2.2
Helos	Argivos (Perseu)	Strab. 8.5.2, Paus. 3.20.6
Teutrone	Atenienses (Teutras)	Paus. 3.25.4
Afrodísia	Dardânios (Enéias)	Paus. 3.22.11, 8.12.8
Étis	Dardânios (Enéias)	Paus. 3.22.11, 8.12.8
Boias	Dardânios e líbios (Dânao)	Paus. 3.22.11-12
Gítio	Divindades (Apolo e Héracles)	Paus. 3.21.8
Boias	Dórios	Steph. Byz. s.v. Βοιών
Antene	Eginetas	Lys. fr. 31, Thuc. 5.41.2
Tireia	Eginetas	Thuc. 2.27.2, 4.56.2-57.3, Paus. 2.29.5
Epidauro Limera	Epidaurios	Paus. 3.23.6-7
Boias	Heráclidas (Boios)	Paus. 3.22.11
Boias	Heráclidas (Boios)	Paus. 3.22.11
Egis	Heráclidas (dórios e estrangeiros)	Éforo *FGrH* 70 F 117

Fáris	Heráclidas (dórios e estrangeiros)	Éforo *FGrH* 70 F 117
Helos	Heráclidas (dórios e estrangeiros)	Éforo *FGrH* 70 F 117
Las	Heráclidas (dórios e estrangeiros)	Éforo *FGrH* 70 F 117
Gerontras	Heráclidas (dórios)	Paus. 3.2.6, 3.22.6
Amíclas	Heráclidas (dórios, estrangeiros e tebanos)	Pind. *Isth.* 7.12-15; Éforo *FGrH* 70 F 117, Paus. 3.2.6, 3.19.6
Prásias	Jônios	Hdt. 8.73.3
Cítera	Lacedemônios	Thuc. 4.53.2, 7.57.6
Zárax	Lacedemônio (Zárax)	Paus. 1.38.4
Side	Líbia (Dânao)	Paus. 3.22.11
Briseas	Pré-Heráclidas	Hom. *Il*. 2.581-583
Égias	Pré-Heráclidas	Paus. 3.21.5
Messe	Pré-Heráclidas	Hom. *Il.* 2.582, Paus. 3.25.9
Pélana	Pré-Heráclidas	Ferecides *FGrH* 3 F 168, Paus. 3.25.10
Terapne	Pré-Heráclidas	Isoc. 10.63, Paus. 3.19.9
Crômno	Pré-Heráclidas (Arcádios)	Paus. 8.3.4, 8.27.3-4
Egis	Pré-Heráclidas (Arcádios)	Paus. 3.2.5, 8.27.3-4; *SIG* 665
Tireia	Pré-Heráclidas (Arcádios)	Paus. 8.3.3
Alesía	Pré-Heráclida (Miles)	Paus. 3.20.2
Helos	Pré-Heráclidas (Heleatas)	Teopompo *FGrH* 115 F 13
Terapne	Pré-Heráclidas (filha de Lélex)	Paus. 3.19.9
Las	Pré-Heráclidas (Las)	Paus. 3.24.10
Tênaro	Pré-Heráclidas (Tênaro, neto de Icário)	Ferecides *FGrH* 3 F 39

Fonte: elaborado pelo autor.